

## APONTAMENTOS PARA UMA CRÍTICA À TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

### NOTES FOR CRITICS ON THE THEORY OF SOCIAL REPRESENTATIONS

**Antônio Jorge Soares\***

**RESUMO:** A construção de uma teoria descritiva, explicativa e preditiva fundada em parâmetros científicos consistentes tem sido a busca de todo pesquisador da ciência. Dentre as teorias mais recentemente elaboradas sobressai-se a Teoria das Representações Sociais, concebida por Moscovici a partir de 1961. Neste artigo, esta teoria será criticada em seus fundamentos. Para isto, num primeiro momento, será delineado um breve esboço da teoria em apreço, e, numa segunda instância, a crítica será apresentada.

**Palavras-chave:** Teoria das Representações Sociais. Fundamentação. Observações Críticas.

**ABSTRACT:** The construction of a descriptive, elucidative and predictive theory established in consistent scientific parameters has been the search of all researcher of science. Amongst the theories more recently elaborated is the Theory of Social Representations, conceived by Moscovici from 1961. In this article, this theory will be criticized in its fundamental principles. For this, at first, a brief sketch of the theory will be delineated, and then, the critic will be presented.

**Keywords:** Theory of Social Representations. Reasons. Critical comments.

---

\* Doutor em Educação e Mestre em Lógica pela Universidade de Campinas – UNICAMP. Professor da Universidade Federal Rural do Semiárido – UFRSA. Tutor do Núcleo de Estudos sobre Meio Ambiente, Cidadania e Processo Coletivo – NEMA da ESMARN/UFERSA. Mossoró – Rio Grande do Norte – Brasil.

## 1 UM BREVE ESBOÇO DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A intenção de expor em poucas linhas uma teoria que, em tão pouco tempo, tem conseguido mobilizar um leque considerável de pesquisadores de ponta, não pode deixar de ser, a um só tempo, algo temerário e de apresentar lacunas e falhas dignas de considerações. A aludida temeridade provém justamente da inevitável presença destas lacunas e falhas. Não obstante isto, a apresentação, ainda que em linhas toscas, do conteúdo daquilo que irá ser abordado é imprescindível a quem pretende tecer comentários a respeito de uma obra ou de um pensamento de um(a) autor(a), não só como recurso metodológico que almeja pontuar os aspectos mais importantes daquela obra ou daquele pensamento, mas também como manifestação da compreensão daquilo que será tratado.

A Teoria das Representações Sociais, assim nomeada por Moscovici, em sua obra de 1961/1976, *La Psycanalyse, son image et son public*, tem origem na concepção de “representação coletiva” de Durkheim e pretende, a um só tempo, fornecer fundamentos teórico-metodológicos à Psicossociologia, verve colocada entre a Psicologia e a Sociologia, e ultrapassar a abordagem cognitivista que caracteriza a Psicologia Social americana.

Entretanto, as representações que Moscovici está interessado, diferentemente do que pretenderia, em sua interpretação, Durkheim, não são as das sociedades primitivas, nem as reminiscências, no subsolo de nossa cultura, de épocas mais remotas. São aquelas da nossa sociedade presente, do nosso solo político, científico e humano, que nem sempre tiveram tempo suficiente para permitir a sedimentação que as tornasse imutáveis [...] a fim de penetrar na vida cotidiana e se tornar parte da realidade comum (MOSCOVICI, 1984, p. 18-19).

A grosso modo e à guisa de recursos didáticos, a estrutura da Teoria das Representações Sociais, como instrumento teórico-metodológico, seria composta de duas partes mais gerais, a saber, a objetivação e a ancoragem, sofrendo, cada uma delas, três subdivisões.

A objetivação, processo que conduz à criação do conceito, sendo este concebido como uma realidade independente, não obstante gerada pelo sujeito a partir do objeto percebido, tornando-os intercambiáveis, exerce a função de acoplar as palavras às coisas, é constituída de as fases da construção seletiva, da esquematização estruturante ou núcleo figurativo e da naturalização. A primeira, como o próprio nome já indica, viabilizaria, lançando mão de critérios culturais e/ou normativos, a captação dos elementos informativos, extraídos dos meios de comunicação de massa, mantendo a coerência com o sistema de valores do grupo em que se acha inserido, visando elaborar uma espécie de referencial teórico-científico. A segunda constituiria o núcleo central em torno do qual gravitaria toda representação, fornecendo a esta a significação e a organização devida. A terceira traduz a materialização e a espacialização das entidades conceituais.

As três fases da ancoragem, por sua vez, entendida esta como processo de solidificação da objetivação, que visa assegurar a adoção do novo, interpretar a realidade e orientar comportamentos, são: atribuição do sentido, instrumentalização do saber e enraizamento do sistema do pensamento. Na primeira fase, ocorre a aplicação dos moldes culturais à representação do novo a partir do já conhecido. A segunda fase torna a estrutura imageante da representação uma teoria da referência para a compreensão do mundo. Aqui, a relação indivíduo e meio ambiente é mediatizada pelas interpretações do novo, convertido em instrumento útil na compreensão do mundo. Na terceira e última fase, processa a inscrição do novo, mediante a classificação, a comparação e a categorização, no seio do saber já existente que, por sua vez, produziu a representação.

Seria justamente na compreensão da imbricação entre a objetivação e a ancoragem e da devida articulação entre estruturas cognitivas e as condições sociais que ocorre a construção das representações sociais. E, embora possa ser feita por um indivíduo, ao ser executada, não só expressa os valores do grupo em que ele se acha inserido, mas também já faz parte do corpus teórico-científico da humanidade.

Quanto à edificação da conduta, veiculação das representações

sociais mediante à comunicação, ocorre por meio da difusão, por meio da propagação e da propaganda. Para explicar a difusão é corrente se tomar a opinião como modelo; para explicitar a propagação, toma-se a atitude, e para se esclarecer a propaganda o modelo é o estereótipo. Assim, a opinião reflete as convicções e avaliações pessoais a respeito de uma questão controvertida, podendo estas serem contraditórias em face da fragilidade em que são organizadas; a atitude, entendido como o esforço em fazer acomodar o novo ao já estabelecido, manifestando-se mediante uma série de reações e comportamento global, pressupõe uma organização mais complexa das mensagens; por fim, o estereótipo é caracterizado pela tentativa de impor a concepção de mundo de um grupo a outro, cuja representação do objeto em questão é elaborada a partir da inadmissão da falsidade de uma das interpretações em conflito, sem questionar, porém, o valor de verdade do objeto.

Assim, enquanto a Sociologia tenderia a ver os grupos sociais e os indivíduos sob a influência de ideologias, numa sociedade em luta de classes, em que os Aparelhos Ideológicos do Estado, os AIEs de Althusser, propagariam e perpetuariam tal projeto; a Psicologia assumiria a mente como uma espécie de caixa-preta que recebe, de fora as idéias e as processa, gerando opiniões e julgamentos; a Psicossociologia, por sua vez, procura ver os indivíduos como seres pensantes ativos que, como sugerem as opiniões destes, expressam a concepção corrente em seu tempo e em seu lugar. Aqui, o novo é produzido, de certo modo, pelo que já é conhecido, pelo que já é familiar, e a ele agregado, após formulação, em termos de evitar a incoerência ou a incontabilidade com este. Representações Sociais, portanto, podem ser entendidas como uma forma de descrição do conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

## 2 ALGUMAS APRECIÇÕES CRÍTICAS

Às vezes a pressa em apresentar uma novidade tem levado, notadamente em ciências sociais, à adoção de interpretações injustas,

senão maliciosas. A citação direta acima de Moscovici a respeito de sua pretensa inovação de se preocupar com o que é próprio ao nosso tempo, parece-nos ter incorrido neste erro.

Com efeito, preocupado em buscar um fio condutor que fosse capaz de gerar um modelo teórico de explicação daquilo que hoje chamaríamos de “cotidiano”, Durkheim recorre às religiões primitivas, tomando-as como situação propícia, ante a simplicidade das coisas que ali ocorrem, para, dali, extrair um modelo explicativo que pudesse ser estendido aos fatos que as costumeiras teoria científicas atuais não contemplam. De fato, apoiando-se não na História ou na Etnografia, mas na Sociologia, Durkheim almeja estudar as religiões mais antigas não com o mero objetivo de conhecê-las ou reconstruí-las, pelo simples prazer de relatar coisas bizarras e singulares, mas, como se pode ler no segundo parágrafo da introdução de *As Formas elementares da vida religiosa*, para “explicar uma realidade atual, próxima de nós e capaz, por conseguinte, de afetar nossas idéias e nossos atos: esta realidade é o homem e, mais especialmente, o homem de hoje” (DURKHEIM, 1973). Grifos nossos.

Portanto, Durkheim não pretendia ficar preso em sociedades primitivas, mas dali extrair o modelo para dar conta do cotidiano em seu próprio tempo. Se ele conseguiu ou não é uma outra questão. Mas é preciso que sejamos sinceros, se não com os nossos inimigos, nossos críticos, sejamos, pelo menos, com os nossos colaboradores.

Explica-se que “No processo da objetivação, o objeto percebido e o conceito tornam-se ‘intercambiáveis’: as palavras são acopladas às coisas<sup>1</sup>” (NOBREGA, 1990).

Mas, se, de fato, houver algum processo quer mental ou não que torne as palavras acopladas às coisas, como, aliás, parecer querer dizer Wittgenstein, quando profere que “os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo” (WITTGENSTEIN, 1985, p. 144), só pensamos mediante a palavra e o pensamento passa a ser concebido como a medida do ser. Isto, porém, suscita algumas dificuldades.

Em primeiro lugar, propicia a veracidade de toda e qualquer

1 Nota explicativa: Quando vai tratar da objetivação Sheva Maia da Nóbrega, doutora em Psicologia Social, sob orientação do próprio Moscovici, num texto intitulado *O que é Representação Social*.

concepção do real, quer seja científica ou não. Eleva a opinião ao estatuto, antes concebido apenas à ciência, e rebaixa esta ao mesmo patamar da opinião. Que a Teoria das Representações Sociais pretenda dar conta do cotidiano é objetivo digno de louvores, mas tornar o saber científico uma panacéia é algo contra o qual devemos nos precaver.

Alguém, eventualmente, poderia objetar-nos, alegando que a Teoria das Representações Sociais não almeja alcançar o estatuto da cientificidade, mas isto não é bem assim, pois, no Prefácio a Textos em Representações Sociais, Moscovici, em várias passagens, usa expressões que sugerem a pretensa elevação da Teoria das Representações Sociais ao estatuto da ciência.

Em segundo lugar, conceber o pensamento como medida do ser é inviabilizar a predicação. Em face disto, o máximo, talvez, que poderia ser dito, como pronunciara Parmênides, é que o “ser é”, pois, ao pronunciar que “o homem é”, estaria dizendo que “o homem é diferente do ser”. Do mesmo modo, se dissesse que “o homem é bom”, significaria que “o homem” não é “homem”, mas “bom”. Em ambos os casos, “o homem não é homem”, o que seria desprovido de coerência.

Em terceiro lugar, se o pensamento for a medida do ser, isto é, se as palavras se acoplam às coisas, o nomear, o ato de atribuir palavras às coisas cairia em sérias dificuldades. O primeiro nomeador, o nomeador primitivo, empreendeu sua atividade observando a natureza das coisas ou não? Se não, então as palavras não são acopladas às coisas e o nomear é apenas uma convenção para evitar a mera ostentação de um objeto<sup>2</sup>. Se sim a observou, como, então, ele poderia conhecer o que ainda não tinha nome? Por outras palavras, se só for possível conhecer as coisas mediante os nomes, mediante as palavras, então não teria sido possível ao primeiro nomeador nomear as coisas, observando suas naturezas, visto que elas não haviam ainda sido nomeadas. Mas, não admitir que os termos primitivos não representem, o mais fidedignamente possível, o objeto nomeado é cair no convencionalismo e, por conseguinte, destruir a concepção segunda a qual, pelo processo de objetivação, “as palavras se acoplam às coisas”. Eis, portanto, um para-

2 Efeito Capitão Caverna que, sendo destituído da faculdade do falar, limita-se a exibir os objetos.

doxo que a Teoria da Representação Social tem que procurar resolver, sob a pena de ser considerada frágil e irrelevante.

Uma outra dificuldade diz respeito à relação de causa e efeito da qual se serve a Teoria das Representações Sociais. Dizer que algo é causa ou efeito de uma outra coisa é atribuir um vínculo irracional entre um fenômeno e outro. O que queremos dizer é que há uma incerteza considerável no fato de, na sucessão temporal de dois ou mais fenômenos, não se ter presente, no momento da visão que tenta abranger o objeto por inteiro, todas as variáveis que dali podem ser extraídas. Ora, posto que não conhecemos as coisas tais como elas são, quanto mais amplo for o objeto tomado para exame, mais facetas ele terá e, por conseguinte, mais difícil será apreender todas as variáveis que ele pode suscitar. Portanto, só um sentimento, uma convicção, algo de natureza irracional, poderia justificar uma explicação formulada em termos de causa e efeito. Além disto, uma explicação nestes moldes, por suas inerentes pontualidades, dificilmente poderia ser tomada como modelo e estendida a outros campos do saber.

Uma outra observação dirige-se à concepção segundo a qual o novo, o desconhecido, é compreendido a partir do já familiar. Ora, sem considerarmos as dificuldades que envolvem a fugacidade e a subjetividade inerentes à noção de familiaridade, esta concepção sugere, antes de tudo, que os fatos familiares não requerem explicação. Todavia, a História da Ciência sugere que a Ciência tem empreendido um tremendo esforço “para explicar as tempestades, o azul do céu, as semelhanças entre filhos e pais, os lapsos no falar e no escrever, as lacunas da memória e muitas outras coisa familiares” (HEMPEL, 1979, p. 165).

Às vezes, e a História da Ciência está repleta de exemplos que ilustram isto, a Ciência não reduz o desconhecido ao conhecido, o não-familiar ao familiar, mas explica fatos conhecidos por meios poucos familiares e não-intuitivos que obtêm, porém, bom apoio em resultados cuidadosamente comprovados. É que a explicação científica requer o estatuto das leis, como elementos essenciais a uma explicação, e não a familiaridade de imagens e de associações. A escuridão da

noite, por exemplo, algo tão familiar, só pôde ser devidamente explicada, ante os vários pontos luminosos presentes no universo, com o advento da complicada hipótese de um universo em expansão.

Uma última apreciação diz respeito ao alcance da Teoria das Representações Sociais nos seios das ciências sociais em geral. Ora, como lucidamente compreendeu Souza Filho (1995, p. 16) “A teoria de Representações Sociais [...] procura dar conta de um fenômeno, sobretudo urbano” (grifo nosso). De fato, se a Teoria das Representações Sociais almeja, entre outras coisas, descrever como ocorre a construção da concepção de universo, quer num indivíduo, quer num certo grupo social, a partir dos meios de comunicação de massa, algo plenamente acessível em toda a França, local originário da Teoria, o que dizer, então, da aplicação desta teoria a populações que não tiveram e ainda não têm acesso aos aparelhos que veiculam os meios de comunicação de massa, como são os casos, por exemplo, de certas populações que habitam o semi-árido do Nordeste brasileiro, que habitam os desertos africanos ou as regiões inóspitas, como é o caso dos esquimós? As estes não parece poder ser adequadamente estendidos a Teoria das Representações Sociais.

### 3 CONCLUSÃO

Com estas observações, porém, não queremos dizer que a Teoria das Representações Sociais seja inócua. Elas devem ser entendidas muito mais no sentido de contribuir com esta verve do que no sentido de desacreditá-la. E, uma vez que a Teoria se encontra em construção, é salutar uma crítica sincera aos seus fundamentos.

Mas, para ser assentada devidamente, e não basta um número elevado de pretensas bem sucedidas aplicações, pois depois de um determinado número, elas não acrescentam quase mais nenhuma força à teoria, a Teoria das Representações Sociais precisa ou delimitar melhor seu campo de aplicação, evitando, assim, se transformar, digamos, em algo que para tudo serve e não serve para nada; ou, então, precisa, não nos pergunte como, resolver os problemas acima



anunciados. Eis o grande desafio que os seus adeptos devem procurar resolver, sob pena de continuarem trabalhando com uma teoria destituída de fundamentação.

## REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Abril, 1973. p. 508-547. (Col. Os Pensadores, v.33).

HEMPEL, Carl. G. Explicação científica. In: MORGENBESSER, S. **Filosofia da Ciência**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1979.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fund. Calouste, 1989.

MOSCOVICI, Serge. **La psychanalyses: son image et son public**. Paris: Presses Univ. de France, 1996.

\_\_\_\_\_. The phenomenon of Social Representations. In: FARR, R. M.; MOSCOVICI, Serge (Editores). **Social Representations**. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

NÓBREGA, Sheva M. **O que é representação social**. Tradução parcial do estudo “la maladie mentale no Brésil: étude sur las representations sociales de la folie par des sujets internés à l’hôpital psychiatrique et leurs familles”. Paris: 1990 (mimeo).

SOUZA FILHO, Edson A. de. Análise de representação social. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tratado lógico-filosófico**. Lisboa: Fund. Calouste, 1985.

## Correspondência | Correspondence:

Antônio Jorge Soares

Universidade Federal Rural do Semiárido – UFRSA, Departamento de Agrotecnologia e Ciências Sociais, Campus Central, BR 110, Km 47, Avenida Francisco Mota, 572, Costa e Silva, CEP 59.625-900. Mossoró, RN, Brasil.

Fone: (84) 3315-1747.

Email: [ajsoares@ufer.edu.br](mailto:ajsoares@ufer.edu.br)